

---

# Ana Saldanha

diz que

## um livro é como um amigo ideal

A Ana Saldanha nasceu em 1959 no Porto e é autora de muitos livros para adolescentes e de alguns para crianças. Apanhámos boleia no trenó de um desses livros e viajámos com ela por alguns dos lugares da cidade invicta que a viram crescer, ouvimos alguns dos seus medos e histórias de criança e ainda trocámos dois dedos de conversa acerca de um Pai Natal muito especial e das aplicadas ajudantes que o conduzem...

Nasceu e cresceu no Porto; como era ser criança numa cidade tão grande? Quais eram as suas brincadeiras preferidas nessa altura?

Nasci e cresci no centro do Porto, que nessa altura era um sítio muito pacato: passava um elétrico de meia em meia hora, meia dúzia de carros. Uma das brincadeiras de que gostava muito, como a minha amiga Isabel e o meu amigo Fernandinho – éramos os três da mesma idade –, era, quando as nossas mães não estavam atentas, atravessar a rua à frente dos carros. Era uma brincadeira muito perigosa – hoje em dia é, provavelmente, fatal, na altura era só uma aventura. Gostava muito de brincar com os nossos gatos; tínhamos vários, adorava brincar com eles e tentar dar banho a um em especial (tentei e consegui, ele não me arranhou muito).

Para além destas brincadeiras um bocadinho mais perigosas, tinha as brincadeiras normais da infância.



Nani Espinha

.....

**Quando começou a gostar de escrever e de que assuntos falavam as suas primeiras histórias?**

Aprendi a ler na escola, aos 5 ou 6 anos, mas já antes disso pensava que ler devia ser uma coisa maravilhosa, porque via a minha mãe e o meu avô lerem a toda a hora. Quando aprendi a ler e escrever, achei que também poderia tentar escrever histórias cativantes para um leitor ou leitora ideal qualquer. Na escola a minha leitora ideal era a professora, claro. Estava no 1º ciclo e acho que a minha professora não era uma leitora muito entusiástica do que eu escrevia, porque eram provavelmente textos muito pouco originais – as minhas férias, os animais de estimação, os meus animais preferidos, o Natal... –, baseados naquelas frases feitas e clichés que me eram dados a ler no livro de leitura, por exemplo.

**Nessa altura já queria ser escritora ou pensava em seguir outras profissões?**

Não me lembro de ter pensado em seguir uma determinada profissão. As pessoas à minha volta achavam que tinha o perfil adequado para ser advogada porque gostava muito de defender causas (a maior parte das vezes causas perdidas, como ir mais tarde para a cama ou coisas do género). Não me lembro de saber o que queria ser, nem mesmo quando fui para a faculdade; fui fazer aquele curso de Letras sem saber bem para que era.

**O que a inspirou a escrever uma história sobre um Pai Natal muito pouco trabalhador e muito festeiro (*O Pai Natal Preguiçoso e a Rena Rodolfa*)?**

Suponho que é a imagem que tenho do Pai Natal, porque a ideia que se tem sempre é de que o Pai Natal é muito galhofeiro, bem-disposto, está sempre a soltar aquelas gargalhadas. Então imaginei, à volta dessa figura, alguém que muito claramente se gosta de divertir e, quase por consequência, não deve gostar muito de trabalhar; e como tem aquele batalhão de renas à volta, imaginei que quem faz o trabalho todo são as renas. Provavelmente não é o caso, ele se calhar é muito trabalhador...

**O Pai Natal da sua história conta com a ajuda de, entre outras, uma rena friorenta, uma rena resmungona e uma rena vaidosa. Qual seria o seu nome se fosse uma das ajudantes desse Pai Natal?**

A rena gulosa, porque gosto muito de doçarias e de chocolates. Se trabalhasse para o Pai Natal e tivesse acesso ao armazém dele, cheio de caixas de bombons e tabletes de chocolate, acho que ia tentar-me.

**Lembra-se de quais foram as melhores prendas que o Pai Natal lhe pôs no sapatinho?**

Quando era bastante pequena, não era o Pai Natal que nos trazia as prendas, era o menino Jesus. O menino Jesus trazia-me às vezes umas bonecas muito bonitas, pequeninas, muito baratas, mas que me pareciam maravilhosas. Lembro-me de receber uma dessas bonecas e de gostar muito. Depois, ao longo dos anos, foi havendo momentos em que o Pai Natal me trouxe aquilo que eu queria, mesmo que não fosse um objeto físico (uma boneca, uma bola, uma bicicleta...). Acho que tenho tido sorte com o Pai Natal, ele tem sido bastante meu amigo e todos os anos espero ansiosamente pelo Natal para ter ou presentes concretos, ou presentes que se transformam em momentos muito bons, ou surpresas e visitas muito agradáveis. Não posso salientar uma prenda só, tinha de passar aqui muitas horas a falar da generosidade do Pai Natal.

**Escreveu um livro sobre um papão que vive no desvão. O papão, ou outros bichos estranhos, metiam-lhe medo quando era pequena?**

Sim, muito. Eu vivia numa casa na baixa do Porto, uma casa com muitos andares. Num desses andares, a caminho do último, onde dormíamos nós, as três irmãs, havia uma porta que estava sempre fechada.

.....

Eu achava que ali estava um papão com uma bruxa e um homem do saco – todos os medos da infância combinados por detrás daquela porta fechada. Com a agravante de que, para chegarmos ao último andar, tínhamos de desligar a luz nesse andar e ir às escuras para o quarto. Esse medo ficou-me sempre e tive sempre a noção de que quando somos pequenos há papões que podem viver no quarto que tem a porta fechada, ou na cave, ou na arrecadação ao fundo do quintal ou mesmo connosco, ao nosso lado. Quando somos pequenos é mais difícil controlar a sensação de medo. Escrevi esse livro para a Sofia, que é minha sobrinha-neta. Ela estava numa idade em que, embora ainda não tivesse esses medos, eu achava que viria a ter algum deles e quis prevenir essas sensações nela e dar-lhe a ideia de que estes medos, muitas vezes, somos nós que os fabricamos e, quando vamos averiguar, na realidade, o motivo do nosso medo é que pode precisar da nossa ajuda. É o que se passa no livro *O Papão no Desvão*: afinal o pobre do papão está muito sozinho e triste.

**Tem um livro, *O Tesouro do Palácio*, que fala sobre um dos sítios mais emblemáticos da sua cidade, o Palácio de Cristal, e da biblioteca que lá existe. Pode contar-nos algumas das melhores recordações que tem desse lugar?**

O Palácio de Cristal figura com muito destaque na minha infância, porque quando era pequena havia lá uma feira. Era lá que andava nos carrosséis e carrinhos, comia farturas e algodão doce... Eu gostava muito do Palácio de Cristal, embora ainda não tivesse a capacidade de apreciar os bonitos jardins e tudo mais; apreciava, lá está, as guloseimas e as diversões... Depois foi criado nos terrenos do Palácio de Cristal um edifício muito bonito, a Biblioteca Municipal Almeida Garrett; é um sítio muito acolhedor, interessante, muito bem integrado na paisagem e, claro, está cheio de tesouros lá dentro: tem milhares e milhares de livros, sofás muito confortáveis para nos sentarmos a ler esses livros ou revistas e dá também para quem queira usar computadores, DVDs, etc. É um sítio muito dinâmico, onde se realizam muitas atividades – estive lá há pouco tempo, num encontro que se chama «Livres como Livros» –, inclusive com crianças mais pequenas (foi lá que foi lançado *O Tesouro do Palácio*, por exemplo). É um espaço que me agrada muitíssimo e a sensação de entrar num sítio cheio de tesouros que podemos tirar (da estante) à vontade é maravilhosa.

**Como é que um livro pode ser como um amigo e porque é que é importante gostar de ler?**

Um livro é como um amigo! Um amigo ideal, que perdoa tudo, que nos permite estar com ele quando queremos, não estar quando não queremos, e que nunca leva a mal, que nos deixa começar uma conversa com ele, interrompê-la sem lhe dizer nada e voltar a ela daí a um ano. É absolutamente ideal, como amigo não há melhor! Eu não sei se é importante ler. Para mim, ler é um prazer tão grande (ou maior, mas pouco maior) como comer chocolates. Se me perguntassem «Porque é que é importante comer chocolates?», eu diria que não é, mas é tão bom, que, se tenho oportunidade de o fazer, é melhor fazê-lo! Ler está nesse caso; é muito bom! ■